

estimulação elétrica e por radiações. Estas técnicas, não exigindo laboratórios químicos ou aparelhos, não são visíveis nem em sua aparelhagem (se pudermos empregar este termo inexato) nem em suas manifestações exteriores.

Recentemente, um Primeiro-Ministro visitava o Instituto Henri-Poincaré num dia de greve do Centro Nacional de Pesquisa Científica. Apontando alguns matemáticos com o dedo, perguntou:

“Eles estão em greve?”

Ao que o diretor do Instituto Henri-Poincaré respondeu:

“Como quer distinguir um matemático em greve de um outro que não está em greve?”

Esta pequena anedota vai longe.

As atividades cerebrais e nervosas superiores não são nem visíveis nem audíveis. Não podem ser descobertas pelos meios usuais. Uma cerimônia de iniciação pode ter lugar na Paris de hoje, num local bem comum, sem atrair a mínima atenção. E isto deve acontecer, ainda que não todos os dias nem todos os anos.

Escritores como René Guénon ou Arthur Machen falaram de uma “contra-iniciação” ou antiiniciação. Como eu mesmo ignoro o assunto, só me resta aconselhar uma consulta aos autores citados.

Dentro do esquema que apresento, que não é místico mas racional, e não apela para forças “do alto”, tampouco há razão para que existam forças “de baixo”. Talvez este esquema não seja suficiente, contudo parece-me ter a vantagem de apelar para as noções conhecidas sem nenhuma espécie de transcendência.

Isto pode chocar, mas acho que a noção de iniciação não é nem mais nem menos maravilhosa do que o emergir da vida e da consciência em geral a partir das albuminas e dos aminoácidos. Não podemos,

é claro, reduzir a consciência aos aminoácidos, assim como também não se pode reduzir a iniciação aos esquemas que dela apresento. Pode-se apenas dizer algo de preciso sobre as albuminas e os aminoácidos, assim como também se pode dizer algo de preciso sobre uma transmissão hereditária de conhecimentos e poderes latentes que podem ser despertados. A recepção do conhecimento iniciático é um ato de vontade? Podemos recusá-la? Precisamos pedi-la? E tantas outras perguntas para as quais a Tradição só dá respostas vagas. Acho que é preciso pedir, e que também temos o direito de recusar.

Creio que o candidato que a recusou guarda segredo a respeito. Em compensação, penso que um candidato à iniciação não pode ser recusado. De início a sua natureza e estrutura mental deverão ter sido estudadas de modo a que se saiba se possui as capacidades necessárias antes mesmo que lhe seja perguntado se deseja ser iniciado.

Quanto tempo dura a iniciação? Segundo o que se sabe deste fenômeno superior, trata-se de uma operação mental fora do tempo e que nos parece instantânea.

Gérard Cordonnier descreveu tais estados num texto chamado *Voyance et Mathématiques*. Descreveu como num tempo senão nulo pelo menos muito fraco (entre duas remadas) teve a iluminação de verdades abstratas, que, mesmo na linguagem condensada da matemática, enchem diversas dezenas de páginas e exigem de um bom matemático um mês de estudo.

Alguma coisa deste tipo deve acontecer com mais intensidade e mais brevidade ainda no momento da iniciação.

A Tradição judaica simboliza isto na lenda do “Centésimo Nome do Senhor” no qual basta pensar